

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE JOINVILLE

Ilanil Coelho

Professora Dra. do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade e do Curso de História da
UNIVILLE

Arselle de Andrade da Fontoura

Professora MSc. dos Cursos de História e de Artes Visuais da UNIVILLE

Fernando Cesar Sossai

Professor MSc. dos Cursos de História, de Design e de Sociologia da UNIVILLE

Resumo: o objetivo deste artigo é analisar como os planejamentos urbanos e projetos de requalificação do centro de Joinville/SC, elaborados nas últimas décadas, atribuem sentidos à memória social, assim como procuram definir as funções do patrimônio cultural em meio ao processo de reorganização do espaço urbano do município. Para tanto, realizamos um amplo levantamento e análise de numerosas fontes documentais provenientes de acervos de instituições públicas responsáveis pelo planejamento urbano, infraestrutura e patrimônio cultural de Joinville. A partir de um estudo de caso da chamada Via Gastronômica, percebemos que as estratégias adotadas pelo poder público para garantir novos usos do patrimônio se chocam com projetos de cidade que, por vezes, relega a um segundo plano qualquer lógica de preservação do patrimônio na contemporaneidade.

Palavras-chave: Joinville; patrimônio cultural; cidade.

Abstract: the aim of this paper is to analyze how urban planning and redevelopment projects in downtown Joinville/SC, elaborated in recent decades, attribute meanings to social memory, as well as attempt to define the functions of cultural heritage in the

process of reorganization of urban space the municipality. Thus, we performed a comprehensive survey and analysis of documentary sources from numerous collections of public institutions responsible for urban planning, infrastructure and cultural heritage of Joinville. From a case study of Via Gastronômica, realize that strategies designed by the government to ensure new uses of heritage clash with city projects that sometimes relegates to the background any logical heritage preservation nowadays.

Keyword: Joinville; heritage; city.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar reflexões sobre a relação entre memória social e patrimônio cultural tomando por base alguns processos de intervenção do espaço urbano de Joinville na contemporaneidade. É fruto de um projeto de pesquisa¹, que tem como objetivo investigar as implicações sociais e culturais das políticas urbanas em Joinville, em especial as relacionadas ao processo de enobrecimento de ruas centrais da cidade. O problema da investigação recai sobre as tensões e disputas que, por um lado, podem ser vislumbradas no cruzamento entre desejos, expectativas, práticas e representações de cidade, daí decorrentes e, por outro lado, como nesse processo emergem novos sentidos políticos sobre o urbano e a cidadania.

A pesquisa tem como base o levantamento e a interpretação de diferentes fontes documentais que integram acervos de instituições públicas municipais responsáveis pelo planejamento urbano, infraestrutura e patrimônio cultural de Joinville. No sentido de melhor organizar as fontes coletadas em campo foi criado um banco de dados virtual no qual estão sendo inseridos os documentos de acordo com sua tipologia: mapas, imagens, fotografias, projetos de intervenção e de zoneamentos urbanos, leis, atas, processos de tombamento e reportagens de jornais.

Com intuito de discutir os significados sociais das intervenções urbanas, a segunda etapa do estudo consistirá na realização de entrevistas orais com pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, nas transformações recentes das áreas centrais da

¹ O projeto “Práticas e representações sobre a patrimonialização do espaço urbano de Joinville” é financiado pelo Fundo de Apoio a Pesquisa (FAP) da UNIVILLE e está vinculado ao Departamento de História e ao Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade dessa instituição.

cidade de Joinville². Acreditamos que isso poderá impulsionar a análise e discussão sobre as experiências das pessoas em relação às temporalidades que cruzam os espaços urbanos na contemporaneidade, assim como sobre suas reivindicações, reconhecimentos e desejos de cidade e de cidadania.

Na esteira destes arranjos teórico-metodológicos, neste artigo, analisamos como os planejamentos urbanos e projetos de revitalização elaborados nas últimas décadas atribuem sentidos à memória social, bem como inserem e definem funções ao patrimônio cultural na organização do território urbano.

JOINVILLE: NARRATIVAS SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Situada na região nordeste do estado de Santa Catarina, Joinville conta com uma população de 509.293 habitantes, sendo considerada, em termos populacionais, a maior cidade catarinense e a terceira maior do sul do Brasil³. Conforme fonte oficial, atualmente concentra o maior pólo industrial do estado, congregando indústrias dos setores metal-mecânico, têxtil, plástico, metalúrgico, químico e farmacêutico (Joinville: Cidade em Dados, 2009). Por outro lado, desde fins do século XX, vem combinando seu perfil industrial com novas estratégias econômicas que visam fomentar serviços e produtos relacionados à hospitalidade, em especial ao turismo de eventos e negócios⁴.

A princípio, tais estratégias estão em sintonia com o que vêm ocorrendo em diferentes cidades contemporâneas, já que, recorrentemente, deparamo-nos com anúncios sobre projetos que visam à transformação das cidades em vitrines de consumo (city marketing), apoiados por vezes em iniciativas resultantes da parceria entre poder público e empresariado (Sánchez, 2001).

A esse respeito, Fernanda Sánchez esclarece que, como elemento do processo de ajuste estrutural à nova ordem econômica mundial, “as cidades são lidas pela lógica da

² Para tais entrevistas faremos uso da metodologia da história oral. Diante de suas variações, adota-se o delineamento teórico e ético produzido por pesquisadores do campo, dentre os quais se destacam Verena Alberti (2004), Alessandro Portelli (1997) e Alistair Thomson (1997), assim como as diretrizes recomendadas pelo Laboratório de História Oral da UNIVILLE – LHO, que podem ser encontradas em: <<http://historiauniville.wix.com/lho>>.

³ Dados extraídos do Censo 2010 realizado pelo IBGE. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=42>. Acesso: 20 ago. 2012.

⁴ Disponível em: <<http://www.guiaville.com.br/joinville/perfil-de-joinville/economia-de-joinville.html>>. Acesso: 20 ago. 2012.

forma-mercadoria e da gestão empresarial e, como tal, busca-se inseri-las como produtos capitalistas que precisam realizar-se” (Sánchez, 2007, p. 25). Nas últimas décadas, algumas experiências de intervenção urbana tornaram-se modelos ou “receituários” adotados por vários gestores municipais. Segundo diz,

as imagens produzidas e difundidas sobre certas intervenções urbanísticas realizadas nos anos 90, além de cristalizarem usos, reforça a tendência ao consumo de serviços, eventos recreativos e circuitos culturais e de lazer. A experiência da cidade, tanto para visitantes quanto para os próprios cidadãos, é mediada pelo consumo destas imagens. Uma coleção de espaços-síntese, consagrados e designados para serem os espaços que falam de uma nova maneira de fazer cidade, um mundo de aparências que descortina um catálogo de novas edificações, espaços revitalizados, festas e eventos, tornados sinais eloquentes da época presente (Sánchez, 2007, p. 29).

É desta perspectiva que podemos compreender como o centro de Joinville vem sendo alvo de projetos de intervenção urbanística que buscam adotar e justificar práticas de requalificação e/ou revitalização como instrumentos para embelezar algumas áreas e instituir novas centralidades no espaço urbano. Com isso, pressupõem-se estar evitando perdas de edificações de interesse cultural, potencializar a economia da cidade e cumprir a função de satisfazer as novas necessidades de lazer e de cultura, tanto de moradores como de turistas.

A Via Gastronômica, alcunha dada pela Prefeitura a uma considerável extensão da Rua Visconde de Taunay, é um exemplo disso. Com o apoio da Câmara de Dirigentes Lojistas de Joinville, o projeto de revitalização se desenvolve paralelamente a projetos empresariais que preveem o aproveitamento de antigas edificações para ampliar e diversificar negócios (Jornal A Notícia, 2011).



Figura 1: “obras na Visconde de Taunay, em Joinville, começam nesta terça-feira” (Jornal Zero Hora, 2012).

Em 2006, a municipalidade planejou uma série de ações para melhoramento do local, tais como recapeamento asfáltico, mudanças de meio-fio, alterações de pontos de estacionamento, aperfeiçoamento da sinalização e iluminação. Como contrapartida, os proprietários dos estabelecimentos ficaram responsáveis pela padronização das calçadas (Prefeitura, 2012). Desde então, ainda que as ações anunciadas não tenham primado pela rapidez de execução, à noite e aos finais de semana, o local é frequentado por um público, sobretudo juvenil, inserido e movendo uma rede variada de consumo e de consumidores, cujas opções recaem não apenas sobre os cardápios gastronômicos dos restaurantes ali localizados e anúncios de shows e baladas, mas sobre edificações que parecem agregar valor ao serviço e às mercadorias oferecidas.



Figura 2: “barracas foram montadas na Visconde de Taunay: 2º Stammtisch de Joinville”. Evento de rua realizado em 23 de outubro de 2010 com o apoio dos proprietários de estabelecimentos comerciais localizados na Via Gastronômica de Joinville. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/anoticia/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&action=galeriaPlayer&groupid=468&galeriaid=29271§ion=Fotos>>. Acesso: 20 ago. 2012.

O aglomerado de bares e de restaurantes procuram expor e espetacularizar tradições inventadas que aludem etnicidades, hábitos e preferências de consumo ancoradas em passados urbanos igualmente inventados.

A Choperia Biergarten pode ser considerada um exemplo dessa espetacularização. Foi inaugurada por um empresário de Blumenau. Mesmo assim, é veiculada como a “choperia oficial de Joinville”, lugar “tradicional”, buscando agregar valor econômico ao negócio a partir do passado urbano imigrantista (alemão).



Figura 3: “Biergarten: choperia oficial de Joinville”. Disponível em: <<http://www.biergarten.com.br/>>. Acesso: 20 ago. 2012.

A revitalização da rua Visconde de Taunay vem motivando a franca expansão do ramo de gastronomia, entretenimento e de hospitalidade em outras áreas da região central de Joinville. Segundo o que informa uma reportagem (Revista Dohler, 2012), “estabelecimentos antigos acabam se adaptando e produzindo um mix de tradição e modernidade. É o caso do Botequim da Frau”. Situado no entorno da Via Gastronômica, o local é definido como um exemplo remanescente “de uma Joinville tipicamente alemã”. Lá, em 1949, funcionava uma sorveteira. A partir de 1958 “virou clube de tiro” e logo após botequim. O negócio (e a edificação), desde julho de 2006, é dirigido por quatro migrantes, dois deles paulistas. Sugerem os atuais proprietários que, “ao manter a tradição, com um toque de modernidade e requinte”, o Botequim da Frau deslocou o eixo e diversificou a oferta de consumo da tradição. Na mesma reportagem, outro lugar da cidade mereceria ser revitalizado e transformado como oportunidade para novos empreendimentos: o Mercado Público. Assim, a lógica dos negócios parece buscar integrar a demanda proveniente de jovens ou famílias com poder de consumo e presumidos, anseios e desejos de tradição, memória e patrimônio.

Ao que tudo indica, o quadro apresentado seria, pois, bastante semelhante ao de várias cidades contemporâneas. Para a já citada arquiteta e urbanista Fernanda Sánchez (2007, p. 30), “guardadas as diferenças e matices entre os variados projetos pode-se arriscar a afirmar que os lugares públicos criados não passam de cenários para uma sociabilidade fictícia que, por sua vez, produzem uma estetização das relações sociais”.

Entretanto, sem minimizar a dimensão econômica e de mercado, bem como o poder de empresários e de gestores políticos, a crítica de que “os lugares públicos criados pela lógica do capitalismo global não passam de cenários para uma vida social fictícia”, necessita ser aprofundada. Isso porque outros sujeitos sociais, praticantes cotidianos da cidade, não podem ser tomados como elementos isolados desses processos. Tampouco se podem desconsiderar os sentidos históricos e memorialísticos dos lugares.

A rua Visconde de Taunay foi, em 1851, uma das três primeiras picadas abertas para demarcação de lotes destinados ao estabelecimento de imigrantes europeus na então Colônia Dona Francisca. No início da colonização era conhecida como “Rua Alemã” (*Deutsche Strasse* ou *Deutsche Pikade*) em função do grande número de imigrantes alemães que nela habitavam, e posteriormente, na primeira metade do século XX, foi denominada Rua Comandante Saturnino Mendonça (Herkenhoff, 1987; Ficker, 2008). A “Rua Alemã” compreendia as atuais ruas Visconde de Taunay e Ottokar Doerffel e foi um dos “eixos primários de formação da cidade e contribuiu diretamente para a ocupação dos bairros Atiradores, São Marcos e Nova Brasília”⁵. Assim, para além de se constituir como um local residencial, no decorrer dos anos, algumas fábricas e estabelecimentos comerciais foram delineando novas feições e agregando diferentes funções a rua.



Figura 4: vista parcial da cidade de Joinville, aparecendo em primeiro plano a rua Visconde de Taunay. Acervo: Arquivo Histórico de Joinville.

⁵ Informações extraídas do Levantamento Histórico para a Comissão do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural do Município de Joinville — COMPHAAN, referente ao imóvel situado na Rua Visconde de Taunay, 185, elaborada pela Fundação Cultural de Joinville - FCJ. Coordenação de Patrimônio Cultural - CPC. Joinville, 2011.

Atualmente a rua Visconde de Taunay, de acordo com Levantamento Histórico para a Comissão do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural do Município de Joinville (COMPHAAN), realizado pela Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC), tem um prédio tombado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), um imóvel tombado pela Fundação Cultural de Joinville (FCJ) e há quatorze imóveis cadastrados como Unidades de Interesse de Preservação (UIPs).

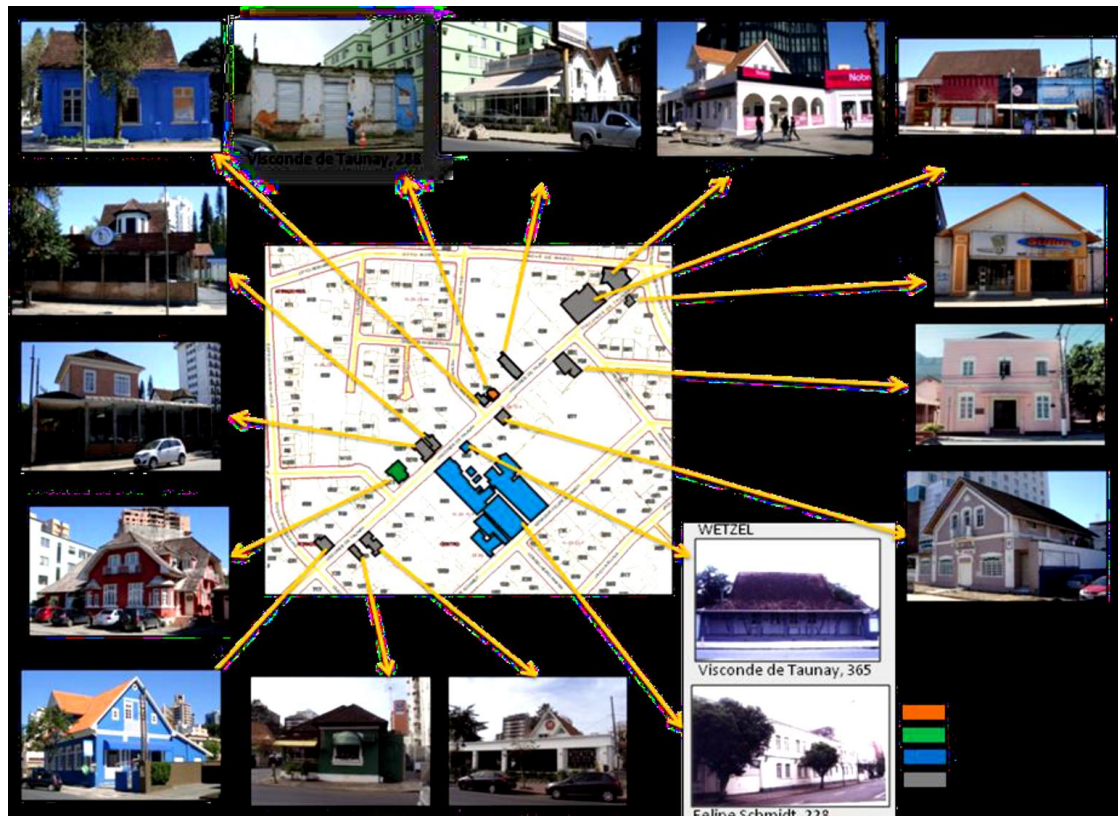


Figura 5: aerofotogramétrico, elaborado pela CPC/FCJ, que identifica os imóveis tombados e as Unidades de Interesse de Preservação do eixo demarcado. Fonte: FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE. Coordenação de Patrimônio Cultural. **Levantamento Histórico para a Comissão do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural do Município de Joinville, referente ao imóvel situado na Rua Visconde de Taunay, 185.** Joinville, 2011.

Ainda que ao buscarmos delinear um histórico da rua deparássemos com lacunas resultantes da pouca documentação existente, nas lembranças de alguns moradores é possível vislumbrar os sentidos que lhes são atribuídos para a história da cidade. Uma história embasada na positividade da e sobre a imigração e colonização européia de Joinville. Assim, em algumas reminiscências, a rua é lembrada de forma nostálgica, forma essa acionada por sentimentos de perda diante da demolição ou do estado de abandono de antigos prédios. Isso se tornou, no contexto da investigação, um indício sobre desejos sociais de presentificação (e de valorização) do passado e de visibilidade a

uma suposta identidade joinvilense. Contudo, isso não pode nos levar a afirmar que a memória social ancorada a partir desse lugar, foi tomada como justificativa para sua transformação em via gastronômica.

Nesse âmbito, apoiamo-nos na contribuição de estudos realizados pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (2002) ao discutir, as abordagens sobre as faces e as consequências do processo de urbanização nas grandes metrópoles. Magnani propõe alternativas à apreciação das dinâmicas urbanas considerando os “sistemas de trocas de outra escala” protagonizados por migrantes, visitantes ocasionais, moradores fixos ou temporários, trabalhadores, ambulantes e de grupos articulados em função de suas opções étnicas, religiosas, sexuais, políticas etc. Para ele, as múltiplas e diferenciadas vivências dos sujeitos, assinadas por suas próprias práticas culturais, devem ser articuladas à análise dos processos de requalificação do espaço urbano. Assim, as “novas centralidades” deveriam ser consideradas não apenas em suas tentativas de integração ao denominado *city marketing*, mas também porque oferecem oportunidades de trabalho, concentram serviços, podendo, inclusive inspirar novos comportamentos, estilos de vida ou vínculos de pertencimento à cidade. Como “pontos de referência para a prática de determinadas atividades”, as manchas – categoria que prefere em lugar de “novas centralidades” – são áreas contíguas providas de equipamentos que tem uma função predominante. Contudo, são também lugares de encontros e de sociabilidades não previsíveis (Magnani, 2002, p. 23).

Na mesma direção de Magnani, cremos que o estudo sobre as “novas centralidades” também requer a consideração de que esses lugares são resultantes tanto de estratégias como de táticas. Em outras palavras, isso significa que em quaisquer áreas instituídas pelo poder dominante, a vida cotidiana manifesta-se e traz consigo perturbações impertinentes. De acordo com Certeau (1994, p. 39) flagrar tais perturbações implica conceber que:

a uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

É dessa perspectiva que a reflexão de Rogério Proença Leite (2007, p. 83) sobre espaços enobrecidos nas cidades contemporâneas ganha também importância. Segundo

o autor, “as assimetrias do poder nos espaços enobrecidos constroem, mas não aniquilam as deambulações daqueles homens ordinários que taticamente demarcam suas práticas sociais no espaço vernacular”. É disso que podemos problematizar o sentido público e a dimensão política desses lugares e, ao mesmo tempo, contrapormo-nos à afirmação de Fernanda Sánchez de que “não passam de cenários para uma sociabilidade fictícia”. Isso leva-nos a considerar que o desafio à crítica frente às práticas e representações que operam na construção da cidade-mercadoria, deve enfrentar a dimensão da vida cotidiana, cujos desdobramentos escapam das instâncias e instituições políticas formais, bem como de algumas análises acadêmicas.

É isso que pode ser apreendido de uma recente contenda envolvendo o poder público, comerciantes e moradores da Via Gastronômica de Joinville. Explicamos melhor: ocorre que, na tarde de 02 de maio de 2012, um grupo de moradores procurou a Comissão de Participação Popular e Cidadania da Câmara de Vereadores de Joinville no intuito de discutir “os excessos que são praticados por determinados estabelecimentos comerciais e freqüentadores” da Via Gastronômica. Da lista de insatisfações os moradores destacavam “o barulho produzido por algazarras e o som alto das casas noturnas” que acabaram com o antigo “sossego dos moradores”. Renato Mussomed, um dos mais indignados, reclamava que, durante a noite, ocorriam constantes “disparos de alarmes dos veículos” e que estavam sendo realizadas “grandes festas com som alto em casas sem revestimento acústico adequado” (Ramos, 2012). Parte de suas insatisfações também advinha da postura adotada pelo poder público no tratamento de perturbações que já molestavam os moradores há quase uma década. Disse ele,

mesmo com tantos problemas a Moon [casa noturna], o Zoon e o Mango [dois bares bastante populares da Via Gastronômica] tiveram os alvarás liberados pela FUNDEMA (Fundação Municipal do Meio Ambiente) para seus funcionamentos. Estamos há sete anos pedindo uma solução para que possamos dormir (Ramos, 2012).

Para outros habitantes, viver na Via Gastronômica se tornava cada vez mais desesperador, uma vez que tanto os órgãos de fiscalização da ordem pública quanto os proprietários de estabelecimentos comerciais estavam “conscientes dos problemas e nada fazem para amenizar o constrangimento provocado e que tem gerado tantas reclamações”. Tal atitude parecia causar repulsa à moradora Suzana Henning; a qual esbravejava que todos estavam “cansados de receber como resposta por parte dos órgãos fiscalizadores que as casas possuem alvará”. Para ela, mesmo diante da complexidade

que a contenda explicitava, a situação era simples: “causar poluição sonora é crime” (Ramos, 2012).

O poder público, por sua vez, defendia-se das acusações de inoperância argumentando que os estabelecimentos que supostamente causavam o desconforto dos moradores agiam dentro da legalidade. A responsável pela área de fiscalização da FUNDEMA, Maria Salete Soares, lembrava a todos os parlamentares integrantes da aludida comissão que “as casas noturnas Moon, Zoon e Mango foram fiscalizadas pela instituição e apresentaram documentação legal” e que não havia muito a fazer já que era realizada “fiscalização semanal” nos horários de maiores incidentes, das “20h às 4h da madrugada” (Ramos, 2012).

Ainda nessa mesma direção, rebatendo as críticas dos habitantes da Via Gastronômica de que, todos os dias, “vários motoristas embriagados” saíam de diversas “casas noturnas” e dirigiam livremente “seus veículos sem que haja fiscalização”, o tenente coronel Eduardo Valles, do 8º Batalhão de Polícia Militar, destacava que eram “atendidas cerca de 250 ocorrências mensais de perturbação da ordem” e que isso gerava um problema enorme, uma vez que os obrigava a PM abandonar seu verdadeiro “foco é prender bandidos”. E esclarecia aos moradores: “se o problema é de falta de estrutura dessas casas noturnas cabe ao executivo adotar providências” (Ramos, 2012).

Moradores, Câmara Municipal de Vereadores, Polícia Militar, Fundação Municipal de Meio Ambiente. Esses são apenas alguns entre os numerosos personagens que habitam, constroem, praticam e cotidianamente inventam a Via Gastronômica de Joinville. Nas dobras desse processo, de um lado, parece ganhar cada vez mais força certa retórica patrimonializante segundo a qual a requalificação de espaços históricos é a melhor maneira de assegurar a continuidade da memória social, de garantir que os bens que evocam o passado do município sejam usados de modo a promover a geração de emprego e renda⁶, de outro, é inegável que também há projetos de cidade que se esquivam, negam ou se contrapõem a qualquer lógica de preservação do patrimônio. No vórtice de projetos requalificadores como o da Via Gastronômica o que parece estar em jogo são discursos que selecionam, se apropriam e até mesmo expropriam práticas, representações, direitos e deveres de cidade. Ou seja, narrativas sobre dinâmicas urbanas movediças que ao se cruzarem, se enfrentarem e disputarem poder; narrativas

⁶ Preceitos enunciados e defendidos em documentos como o que criou o Sistema Nacional de Cultura de Joinville (Lei n. 6. 705, de 11 de junho de 2010) e o Plano Municipal de Cultura de Joinville (Lei Ordinária n. 25/2012, de 03 de julho de 2012).

que cindem a cidade embasada pela premissa de que é necessário refazê-la para atender às novas demandas da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FICKER, Carlos. **História de Joinville: crônicas da Colônia Dona Francisca**. 3 ed. Joinville: Letrágua, 2008.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

HERKENHOFF, Elly. **Era uma vez um simples caminhão...** Joinville: Fundação Cultura, 1987.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Editora da Unicamp; Aracajú: Editora UFS, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, USP, v. 15, n. 1, p. 81-95, abr. 2003.

MUITO além da Via Gastronômica. **Revista Dohler**, n. 19. Disponível em: <<http://www.dohler.com.br/revistadohler19/lazer.htm>>. Acesso: 20 ago. 2012.

OBRAS na Visconde de Taunay, em Joinville, começam nesta terça-feira. **Jornal Zero Hora**, 30 jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=noticias&id=2010719§ion=Not%EDcias>>. Acesso: 20 ago. 2012.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr. 1997.

PREFEITURA de Joinville vai apoiar Via Gastronômica. Disponível em: <<http://www.belasantacatarina.com.br/variedades.asp?id=1703>>. Acesso: 20 ago. 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. IPPUJ. **Joinville, cidade em dados**. Joinville, 2009.

RAMOS, Eliane. Excessos na Via Gastronômica. **CVJ Notícias**, Joinville, 02 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.cvj.sc.gov.br/component/content/article/47-noticias/1269-excessos-na-via-gastronomica->>. Acesso: 20 ago. 2012.

REVITALIZAÇÃO atrai mais investimentos para a Via Gastronômica em Joinville: Só neste ano, são três empreendimentos novos na Rua Visconde de Taunay. **Jornal A Notícia**, Joinville, 23 jun. 2011.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 16, p. 31-49, jun. 2001.

_____. Cultura e Renovação Urbana: a cidade-mercadoria no espaço global. In: LIMA, Evelyn F. W; MALEQUE, Míria R. **Espaço e Cidade: conceitos e leituras**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr. 1997.